



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
CURSO DE PEDAGOGIA

RODRIGO BARRA DA SILVA

**O DIREITO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: A
AÇÃO DO PEDAGOGO NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

TOMÉ-AÇU
2024

RODRIGO BARRA DA SILVA

**O DIREITO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: A
AÇÃO DO PEDAGOGO NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Orientadora: Profa. Dra. Mariza Fellipe Assunção.

TOMÉ-AÇU
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

D111d da Silva, Rodrigo Barra.

O direito à educação na perspectiva da pedagogia
hospitalar: : a ação do pedagogo na brinquedoteca
hospitalar / Rodrigo Barra da Silva. — 2024.
XIX, 19 f.

Orientador(a): Profª. Dra. Mariza Felipe Assunção
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal
do Pará, , Abaetetuba, 2024.

1. Pedagogia hospitalar . 2. Brinquedoteca . 3.
Pedagogia social . 4. Direito . 5. Educação . I. Título.

CDD 370

RODRIGO BARRA DA SILVA

**O DIREITO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: A
AÇÃO DO PEDAGOGO NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Orientadora: Profa. Dra. Mariza Fellipe Assunção.

Aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Profa. Dra. Mariza Fellipe Assunção
Orientadora UFPA

Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira Lima
Examinadora interno – UFPA

O DIREITO À EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR: A AÇÃO DO PEDAGOGO NA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Rodrigo Barra da Silva¹

Orientadora: Profa. Dra. Mariza Felli Assunção.²

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar sobre o direito à educação na perspectiva da pedagogia hospitalar, juntamente com a ação do pedagogo no contexto da brinquedoteca hospitalar. A pesquisa busca contribuir com os discussões referentes as interfaces onde o profissional de pedagogia pode atuar, e principalmente o direito à educação de qualidade das crianças e adolescentes. O artigo argumenta também, a colaboração desse profissional com a equipe médica, influenciando na melhoria do tratamento da criança, através da intencionalidade pedagógica do brincar de forma lúdica. Para construção desta pesquisa de análise bibliográfica, foram realizadas buscas através do site Google Acadêmico, a respeito de artigos já publicados sobre a temática. O aporte teórico da leitura, baseia-se nos artigos de Cury (2002), Fontes (2009), Lima e Paleologo (2012), Brito e Perinotto (2014), Paula e Foltran, Angelo e Vieira (2010). Como resultado desta pesquisa, percebe-se que ainda há ausência de materiais científicos referentes a esse tema e corrobora a desinformação dessa temática, e a importância do comprometimento para que sejam alcançadas melhorias decorrentes a estudos científicos.

Palavras-chave: Criança; Direito; Educação; Internação; Pedagogia hospitalar; Pedagogia social.

ABSTRACT

The objective of this research was to investigate the right to education from the perspective of hospital pedagogy, together with the action of the pedagogue in the context of the hospital toy library. The research seeks to contribute to the discussions regarding the interfaces where the pedagogy professional can act, and mainly the right to quality education for children and adolescents. The article also argues the collaboration of this professional with the medical team, influencing the improvement of the child's treatment, through the pedagogical intentionality of playing in a playful way. For the construction of this research of bibliographic analysis, searches were carried out through the Google Academic website, regarding articles already published on the subject. The theoretical contribution of reading is based on the articles by Cury (2002), Fontes (2009), Lima and Paleologo (2012), Brito and Perinotto (2014), Paula and Foltran, Angelo and Vieira (2010). As a result of this research, it can be seen that there is still absence of scientific materials related to this theme and corroborates the misinformation of this theme, and the importance of commitment to achieve improvements resulting from scientific studies.

¹ Discente da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Polo Universitário de Tomé-Açu/PA. E-mail: rodrigobarra2000@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. E-mail: mfa@ufpa.br

Keywords: Child; right; education; hospitalization; Hospital Pedagogy; Social Pedagogy.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é uma análise de literatura do tipo integrativa. Através das pesquisas no site do Google Acadêmico e envios de minha orientadora, foram usados quatro descritores para a busca da literatura: 1- pedagogia hospitalar; 2- o direito a educação no período de internação hospitalar; 3- a importância da brinquedoteca hospitalar; 4- o papel do pedagogo na brinquedoteca hospitalar.

Sendo assim, as buscas a partir do descritor 1- Pedagogia hospitalar, apresentou 11 resultados; no descritor 2- O direito a educação no período de internação hospitalar, apresentou 12 resultados; no descritor 3- A importância da brinquedoteca hospitalar, apresentou 10 resultados; no descritor 4- O papel do pedagogo na brinquedoteca hospitalar, apresentou 10 resultados. Ressaltamos que nem todos os resultados tinham relação direta com os descritores da pesquisa.

Há muitos anos é levantado o debate sobre a pedagogia hospitalar e o quanto ela pode contribuir para a educação no Brasil. Com isso, consideramos a importância da interação do profissional de pedagogia no meio hospitalar, por entendermos que este profissional está apto a trabalhar em vários setores, sendo escolar, empresarial, hospitalar, entre outros. No contexto da pedagogia hospitalar, o pedagogo tem conhecimento teórico e prático para desenvolver atividades pedagógicas, fazendo com que a criança enferma, por exemplo, faça do lugar de recuperação da saúde, um lugar que ela possa desenvolver conhecimentos, inclusive a partir da introdução da ludicidade no tratamento.

Observando o cenário da atuação pedagógica, podemos perceber que este profissional se faz necessário em diversos ambientes, para além do espaço escolar formal, inclusive isto é reflexo das novas perspectivas formativas dentro das instituições de educação superior, uma vez que o mercado de trabalho demanda esse profissional.

A presente pesquisa sobre esta temática, despertou-se mediante as minhas vivências diárias com esse cenário de tratamento médico, tanto para adultos, como para crianças. O tema tem me provocado para olhar mais detidamente sobre a situação de crianças em processo de hospitalização, pois as pessoas,

independentemente da faixa etária, são tomadas por medo, insegurança, inquietação e acabam se fechando tanto para si, quanto para a equipe responsável pelo tratamento de sua saúde e, com isso, pode acarretar em mais problemas como a ansiedade, declínio da função mental, desnutrição, tristeza e a falta de sono.

Portanto, este estudo de cunho bibliográfico, surgiu a partir de um breve movimento em um hospital municipal do município de Tomé-açu, onde uma enfermeira, no meu período de estágio como técnico de enfermagem, tentou organizar um movimento pedagógico nesta unidade de saúde. A profissional, além de ser preceptora dos estagiários, era também coordenadora geral da enfermagem na unidade de saúde, que através de uma arrecadação de brinquedos ela tentou fundar uma brinquedoteca. Na ocasião, eu, como futuro pedagogo, e no momento auxiliar dessa enfermeira, me preocupei com esta vivência hospitalar da criança enferma e como esse movimento de arrecadar brinquedos para criar uma brinquedoteca na unidade, iria refletir no desenvolvimento pedagógico educacional, emocional, tanto das crianças, quanto dos seus familiares.

Embora esse movimento de criação da brinquedoteca não tenha avançado, pois, não foi efetivado, essa temática se tornou o meu raio de interesse para aprofundamento de meus conhecimentos. Agora formado como técnico de enfermagem e futuro pedagogo, vejo a importância da relação dessas duas profissões e principalmente a contribuição da educação nesse resgate da saúde da criança hospitalizada e até quem sabe, tornar realidade a criação de uma brinquedoteca para auxiliar na recuperação das crianças em tratamento.

No entendimento de Cunha (2001), a brinquedoteca hospitalar tem os seguintes objetivos:

Preservar a saúde emocional da criança, proporcionando alegria e distração através de oportunidade para brincar, jogar e encontrar parceiro; Preparar a criança para a situação nova que irá enfrentar, levando-a a familiarizar-se com roupas e instrumento cirúrgicos de brinquedo e através de situações lúdicas; Tomar conhecimento de detalhes da vida no hospital e do tratamento, que vai ser submetido; Dar continuidade à estimulação de seu desenvolvimento, pois a internação poderá privá-la de oportunidade e experiência de que necessita. Se a estada é longa, pode ser necessário um apoio pedagógico para que a criança não fique muito defasada no processo de escolarização (Cunha. 2001, p. 95-96).

É preciso entender que no decorrer dos primeiros anos de vida de uma criança ela passa por vários processos de conhecimento e de desenvolvimento. E esses processos são marcados pelas intensas atividades físicas que ela pode desenvolver,

mas para que isso aconteça é necessário que a criança esteja com saúde e, entende-se que uma criança com saúde pode trazer alegria para qualquer lugar. Durante esse ciclo de crescimento da criança ela passa por processos de adoecimento, e em alguns desses casos, a criança precisa ser hospitalizada, uma situação que nem os familiares e nem a criança estão preparados para este momento.

Santos (2000) reforça a importância deste espaço lúdico, exaltando:

Falar sobre Brinquedoteca é, portanto, falar sobre os mais diferentes espaços que se destinam à ludicidade, ao prazer, às emoções, às vivências corporais, ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da autoestima, do autoconceito positivo, da resiliência, do desenvolvimento do pensamento, da ação, da sensibilidade, da construção do conhecimento e das habilidades (Santos, 2000, p. 58).

Ressaltamos que no plano social, a nossa pesquisa dentro da temática sobre a importância de um espaço lúdico para crianças em um ambiente hospitalar, é de suma necessidade, pois, todos nós sabemos o quanto é difícil o processo de internação hospitalar de uma criança, o quanto a criança pode acarretar muitas outras doenças além das que ela apresenta ao chegar numa unidade de saúde para buscar ajuda.

Um espaço como o de uma brinquedoteca no espaço de tratamento, pode amenizar a tristeza no tratamento de saúde, tanto de crianças quanto dos seus acompanhantes. Nesse sentido é que justificamos a necessidade da criação de uma brinquedoteca na unidade de saúde no contexto do município de Tomé-Açu, por toda sua importância lúdica no acompanhamento e recuperação de crianças internadas.

Dentro desse contexto da brinquedoteca hospitalar frisamos também a sua contribuição para a sociedade, que também facilitará o trabalho em geral dos profissionais da área da saúde, pois, através das atividades lúdicas proporcionadas por um pedagogo em parceria com a equipe de enfermagem, esse espaço pode oferecer qualidade no atendimento e tratamento da criança hospitalizada assim como os seus familiares.

Pouco se fala nesse assunto nas unidades de saúde em Tomé-Açu, e nem se observa iniciativas políticas acerca da implantação de brinquedotecas nos hospitais do município, fazendo com que a sociedade desconheça seu direito de acesso à política de fornecimento de um espaço onde a criança hospitalizada poderá desenvolver-se integralmente através do lúdico neste momento delicado de internação, pois, como bem ressalta Moraes (2023):

[...] Ao projetar um espaço preparado para alocar uma brinquedoteca é preciso ter em vista a ideia de um ambiente agradável e acolhedor a fim de provocar interesse e exploração na criança. Um espaço como esse não pode ser construído e vivenciado senão com alegria, entusiasmo, encanto, afeto. Por isso, pensar numa brinquedoteca é pensar em um lugar onde a alegria de viver seja a motivação para realizar todos os trabalhos (Moraes, 2013, p. 9).

A pesquisa em pauta favorece a ampliação do conhecimento sobre a pedagogia hospitalar e a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação da saúde das crianças, sobretudo, no contexto de realidades hospitalares isentas deste espaço e serviço pedagógico. Nesta direção, vale cultivar a ideia de implementação de brinquedoteca e contratação do profissional pedagogo neste campo, onde as crianças sejam completamente assistidas, e que esse processo de internação seja uma iniciativa que vai amenizar o sofrimento apresentado pelas crianças hospitalizadas, assim como para os seus acompanhantes e, até mesmo para os profissionais que ali trabalham.

Cunha e Viegas (2008) afirmam que durante a internação hospitalar, a vida da criança não estaciona, pois, seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social continua evoluindo. E assim, os cuidados devem ser direcionados a fim de evitar transformações no seu comportamento, uma vez que acontece uma quebra do seu ritmo habitual, interferindo no acontecer de suas atividades cotidianas junto à sua família e seus amigos, sendo a brinquedoteca, um espaço de atividades lúdicas necessário para evitar com que a criança perca o seu ritmo habitual, tanto com os familiares quanto da escola. É sabido que por meio de brinquedo a criança constrói o seu universo, manipulando-o e trazendo para a sua realidade situações inusitadas do seu mundo imaginário. Portanto, vale lembrar que o profissional de pedagogia está sujeito a ter essas várias interfaces, e isso nos remete a lembrar o quanto queremos apontar e significar as coisas com um só olhar, que neste caso seria um olhar próprio. Acredita-se que tanto a escola, quanto o hospital ambos são lugares de educar e cuidar.

Luckesi (2000), ao enunciar as suposições da educação na vida dos estudantes, afirma:

A educação, nos seus diversos â, familiar, religiosa, não formal, formal, tem a possibilidade de mediar uma construção sadia da vida. Na medida em que grande parte da população mundial passa por ela, é imenso o poder que tem a educação de interferir numa direção sadia a ser dada à vida (Luckesi, 2000, p. 10).

Em princípio, o profissional de pedagogia pode contribuir para a diminuição do fracasso escolar e contribuir na aprendizagem da criança enferma. O pedagogo pode

marcar a construção de conhecimento desses espaços hospitalares, fazendo com que o processo de internação e esse caos de informações que a criança recebe, fique mais leve, pois o pedagogo de forma lúdica é muito didático em suas atividades de socialização, o que pode gerar na criança um pouco descontração nesse período de internação.

Certamente, sabemos que a saúde é essencial para qualquer ser humano. E seguindo esta linha, sabemos que o pedagogo pode ajudar a criança nesse processo de internação, pois, é correto afirmar que em nenhuma hipótese a criança hospitalizada poderá perder o direito à escola, pois, é garantido a criança internada, a longo prazo, a continuação do estudo nesse processo de aprendizagem. Do mesmo modo, o pedagogo, também pode contribuir para identificar padrões de comportamento na criança que na maioria das vezes a equipe médica não consegue identificar, com isso, ele pode contribuir com a diminuição do tempo de internação da criança, tudo isso parte da escuta e da visão na qual o aluno está inserido.

Gonsáles Simancas e Polaino Lorente (1990) também consideram a Pedagogia Hospitalar necessária:

Uma vez que verificada a existência de uma práxis e uma técnica pedagógica nos hospitais, é possível afirmar a existência de um saber, de um corpus científico próprio que se fundamenta e justifica no que chamamos de Pedagogia Hospitalar? É possível incluir esses saberes na especialização da Pedagogia Social? Uma coisa é incluir esses novos saberes e começar a dar os primeiros passos nessa nova modalidade de educação e outra coisa, muito distinta é perceber que esses campos estão construindo uma pedagogia no sentido de uma ciência prático-normativa. O desafio mais importante que a Educação Hospitalar enfrenta é constituir-se como ciência no âmbito da Pedagogia e não ser entendida superficialmente, mas como uma parte da Pedagogia. O desafio consiste em elaborar com eficácia uma Pedagogia Hospitalar bem fundamentada cientificamente (Gonzáles-Simancas; Polaino-Lorente, 1990, p. 11).

Cuidar da saúde não é apenas um processo em combate à doença, mas sim, alcançar desenvolvimento pedagógico das crianças e de seus familiares, cuidando e respeitando didaticamente e ludicamente a criança, dando seguimento no diagnóstico médico.

2 O PEDAGOGO NA PEDAGOGIA SOCIAL E NA PEDAGOGIA HOSPITALAR

O curso de pedagogia busca avanços e tenta se desdobrar estrategicamente para o mercado de trabalho, entretanto, a profissão de pedagogo tem um diferencial das demais profissões, a partir de suas especializações, essas profissões acabam

sendo limitadas ou até mesmo perdem o seu espaço no mercado de trabalho, mas o curso de pedagogia inova em seu currículo de especializações. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura Resolução CNE/CP Nº 1, no Art. 4º, 2006, define:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II – planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III – produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (Brasil, 2006, p. 2).

É certo falar que a pedagogia é uma profissão com uma grade curricular bem ampla, fazendo com que o profissional de pedagogia atue no mercado de trabalho não só no espaço escolar, mas em outros setores, compondo esses lugares de atuação do pedagogo, vale ressaltar: empresas, área hospitalar, indústria de brinquedos, turismo, entre outros. Vale assim não restringir a atuação do educador em espaços escolares, mas também em espaços não escolares:

O pedagogo é aquele que, a partir de um diagnóstico, identifica necessidades e falhas no processo de ensino-aprendizagem; indica metodologias adequadas à situação de cada local; e aponta se, por exemplo, as ações devem ser voltadas para o grupo, para o indivíduo, ou mesmo envolver parceiros externos. Onde houver processo de aprendizagem, o pedagogo tem com o quê contribuir (Bomfin, 2005, [s/n]).

O pedagogo sempre está envolvido no espaço onde tem relação com a educação, buscando ser mediador do conhecimento para orientar uma educação de qualidade, e principalmente sem perder a identidade de educador. O pedagogo está buscando formas especializadas para suprir a atualização das demandas do mercado de trabalho fazendo com que esse profissional seja interlocutor da aprendizagem nesse espaço não escolar.

A pedagogia social revela as interfaces da ação pedagógica. Na história do Brasil muito se fala na formação do pedagogo, mas essa formação tem sua dualidade que é a formação desse profissional em bacharelado e licenciatura, a partir daí, surgem discussões sobre a formação do pedagogo, percebe-se que nessa discussão, atualmente, está cada vez mais aflorada, pois, em vários grupos de estudiosos, buscam defender seus argumentos e contradizendo o estudo de outros grupos. As

novas diretrizes curriculares nacionais (Brasil, 2005), busca contribuir no que diz respeito os discursos, e ainda assim, incluir a temática formação do pedagogo segundo o próprio documento do Brasil.

Enfatiza-se ainda que grande parte dos Cursos de Pedagogia hoje, tem como objetivo central à formação de profissionais capazes de exercer a docência na Educação Infantil, nos anos iniciais do ensino Fundamental, nas disciplinas pedagógicas para a formação de professores, assim como para a participação no planejamento, gestão e avaliação de estabelecimentos de ensino, de sistemas educativos escolares, bem como organização e desenvolvimento de programas não-escolares. (grifo nosso) Os movimentos sociais também têm insistido em demonstrar a existência de uma demanda ainda pouco atendida, no sentido de que os estudantes de Pedagogia sejam também formados para garantir a educação, com vistas à inclusão plena dos segmentos historicamente excluídos dos direitos sociais, culturais, econômicos e políticos (Brasil, 2005, p. 5).

Considera-se, que o profissional de pedagogia precisa ter uma base científica, mas não somente este profissional, mas todos os profissionais. Quando é falado nessa pedagogia social e nesse aprofundamento científico, busca-se argumentar que o pedagogo para ter verdadeiramente esse lugar na pedagogia não escolar, ele precisa ser um sujeito onde opine de forma crítica, reflexiva, científica e teórica, buscando ter uma posição compromissada com suas demandas em diferentes contextos.

Libâneo (2006) afirma em um contexto complexo de formação geral:

Todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor. Isso de modo algum leva a secundarizar a docência, pois não estamos falando de hegemonia ou relação de precedência entre campos científicos ou de atividade profissional. Trata-se, sim, de uma epistemologia do conhecimento pedagógico. (...) Precisamente pela abrangência maior do campo conceitual e prático da Pedagogia como reflexão sistemática sobre o campo educativo, pode-se reconhecer na prática social uma imensa variedade de práticas educativas, portanto uma diversidade de práticas pedagógicas. Em decorrência, é pedagoga toda pessoa que lida com algum tipo de prática educativa relacionada com o mundo dos saberes e modos de ação, não restritos à escola. A formação de educadores extrapola, pois, o âmbito escolar formal, abrangendo também esferas mais amplas da educação não-formal e formal. Assim, a formação profissional do pedagogo pode desdobrar-se em múltiplas especializações profissionais, sendo a docência uma entre elas (Libâneo, 2006, p. 7).

Na contribuição de conteúdo para esta pesquisa, foi percorrido o método de pesquisa bibliográfica, e foi verificado que mesmo com os grandes avanços tecnológicos na educação pouco se fala sobre a pedagogia social, ou a atuação do pedagogo no espaço não escolar. Para Caliman (2006), defende a pedagogia social como ciência em construção voltada para as classes populares:

[...] diz respeito à diferença entre Pedagogia Escolar e Pedagogia Social. A primeira tem toda uma história e é amplamente desenvolvida pela didática, ciência ensinada nas universidades. A segunda, a Pedagogia Social, se desenvolve dentro de instituições não formais de educação. É uma disciplina mais recente que a anterior. Nasce e se desenvolve de modo particular no século XIX como resposta às exigências da educação de crianças e adolescentes (mas também de adultos) que vivem em condições de marginalidade, de pobreza, de dificuldades na área social. Em geral essas pessoas não frequentam ou não puderam frequentar as instituições formais de educação. Mas não só: o objetivo da Pedagogia Social é o de agir sobre a prevenção e a recuperação das deficiências de socialização, e de modo especial lá onde as pessoas são vítimas da insatisfação das necessidades fundamentais. Podemos re-afirmar, portanto, que no Brasil atual a Pedagogia Social vive um momento de grande fertilidade. É um momento de criatividade pedagógica mais que de sistematização dos conteúdos e dos métodos. Em outras palavras, mais que pedagogistas, temos no Brasil educadores que colaboram com o nascimento e o desenvolvimento de um know how com identidade própria, rica de intuição pedagógica e de conteúdos. Ao mesmo tempo nos damos conta de que é chegado o momento no qual precisamos (Caliman, 2006, p. 5).

Portanto, voltado para a atuação do pedagogo no contexto hospitalar, segundo as definições do Ministério da Saúde, um centro de educação:

Hospital é a parte integrante de uma organização médica e social cujo função básica consiste em proporcionar a população assistência médica integral, curativa e preventiva, sob qualquer regime de atendimento inclusive o domiciliar constituindo-se também em centro de educação de recursos humanos e de pesquisas em saúde, bem como de encaminhamento de pacientes, cabendo-lhe supervisionar e orientar os estabelecimentos de saúde a ele vinculado tecnicamente (Brasil, 1977, p. 3.929).

Por isso, a pedagogia hospitalar acredita que vem trazer um diferencial à pedagogia tradicional, para Fontes (2009):

A contribuição das atividades pedagógicas para o bem-estar da criança enferma passa por duas vertentes de análise. A primeira adiciona o lúdico como canal de comunicação com a criança hospitalizada procurando fazê-la esquecer, durante alguns instantes, o ambiente agressivo na qual se encontra, resgatando sensações da infância vivida anteriormente a entrada no hospital. Essa vertente procura distrair a criança e, muitas vezes, o que consegue é irritá-la e certamente não contribui para que ela reflita sobre a própria experiência e aprenda com ela. A segunda trabalha ainda que de forma lúdica a hospitalização como um campo de conhecimento a ser explorado. Ao conhecer e desmistificar o ambiente hospitalar, ressignificando suas práticas e rotinas como uma das propostas de atendimento pedagógico em hospital, o medo da criança, que paralisa as ações e cria resistência, tende a desaparecer, surgindo, em seu lugar, a intimidade como espaço e a confiança naqueles que ali atuam (Fontes, 2009, p. 122).

É importante lembrar que tanto a criança hospitalizada quanto os seus familiares, são seres pensantes, que carregam uma cultura e suas histórias de vida. E o pedagogo hospitalar deve ter uma articulação significativa para envolver o saber cotidiano do paciente e o saber científico.

3 A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO EM CONTEXTO HOSPITALAR: GARANTINDO O DIREITO À EDUCAÇÃO DA CRIANÇA HOSPITALIZADA

Em função das transformações no Brasil, a educação começou a adentrar em espaços que antes eram inimagináveis, expandir a educação e fazer com que exista uma educação para todos no Brasil. Por essa questão, surgiram especializações para pedagogos trabalharem em hospitais, e para esses profissionais atenderem nesse espaço está sendo algo muito significativo, pois, além de dar voz para essas crianças e adolescentes, que por muitos anos foram silenciadas, esquecidas e excluídas da sociedade, foram negadas a elas o direito à educação, por estarem passando por esse tempo delicado para elas e para seus familiares.

Nesse sentido, ainda há muita resistência para a atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, principalmente olhares da equipe médica, que ainda não concebe o ambiente hospitalar um lugar de ensino e aprendizagem. Mas como já foi dito em parágrafos anteriores, a criança hospitalizada, mesmo com a rotina de procedimento médicos, tem uma história vivenciada pela escola que precisa ser resgatada, precisa ser garantido o direito à educação para esse indivíduo. Vale lembrar também que nos últimos anos tornou-se obrigatório que todas as crianças a partir de quatro anos de idade estejam matriculados. E como parte do texto no Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com as seguintes alterações: Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II – progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio. III – atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino; IV – atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade;

V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII – oferta de educação escolar regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola;

VIII – atendimento ao educando, no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde;

IX – padrões mínimos de qualidade de ensino, definidos como a variedade e quantidade mínimas, por aluno, de insumos indispensáveis ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Por isso, o ambiente hospitalar precisa prestar o atendimento educacional como conjectura a Resolução nº 41 de 1995, refere-se que nos direitos da criança e do adolescente hospitalizados, no item 9 que diz: direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar.

A partir disso, muitas pessoas preocupadas com as crianças internadas e o pequeno índice de brinquedotecas no Brasil constitui-se à Lei Nº 11.104, de 21 de março de 2005 dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Dessa forma, podemos entender há necessidade de brinquedotecas nas unidades de saúde que fazem atendimento pediátrico e não contém uma área particular para esse tratamento especializado. Presumi-se que com a garantia desse direito da implantação da brinquedoteca hospitalar amenizará as chances das crianças ou até mesmo dos acompanhantes contraírem quaisquer doenças psicológicas por conta da tristeza e pelo ambiente hostil que é o hospital.

Transformar a ideia de que os hospitais são lugares de melancolia e tristeza, e cultivar a ideia de que os hospitais também são lugares acolhedores onde as crianças podem desenvolver-se por meio da brinquedoteca; é um desafio a ser enfrentado no plano da efetivação das políticas públicas uma vez que o Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015 já aponta em seu artigo 16º, inciso III trata do direito à liberdade, o texto é bem claro e prevê que o mencionado direito abrange os conceitos de brincar, de se divertir e de praticar esportes. Independente do lugar que essa criança esteja é necessário zelar para que não lhe seja negado o direito de brincar e desenvolver-se em sua integralidade.

Nesse sentido da importância do brincar para o tratamento e desenvolvimento da criança, vale:

[...] Onde a criança possa brincar, aprender ensinar e até mesmo poder ajudar outras crianças Bueno enfatiza que o brincar possibilita o desenvolvimento, não sendo somente um instrumento didático facilitador para o aprendizado, já que os jogos, brincadeiras e brinquedos influenciam em áreas do desenvolvimento infantil, tendo com aspectos favoráveis no desenvolvimento da motricidade, inteligência, sociabilidade, afetividade e criatividade (Bueno, 2010, p. 9).

O pedagogo por meio da brinquedoteca, pode influenciar na cura da criança com simples atividades lúdicas, e o brincar possibilita a criança a aprender independente da sua realidade do momento. Mas para que isso aconteça é preciso

com que tenha pessoas aptas para desenvolver esse trabalho, que faça a criança entender o processo e consiga controlar suas emoções durante esse período de hospitalização.

[...] O papel do educador e resgatar o seu lado lúdico, o significado do brincar para ele, anteceder o conhecer novos repertórios, envolvendo brincadeiras e brinquedos, ressignificando sua própria aprendizagem, seu jogar, onde dá autonomia para o sujeito/educador construir sua própria história na convivência com o outro se torna mais significativa (Noffs, 2000).

Importa ainda quebrar o paradigma que os pedagogos só podem atuar no âmbito escolar, mas realçar que o pedagogo também pode escolher trabalhar em área não escolares como em uma brinquedoteca hospitalar, por exemplo. E com isso, fazer com que há área de pedagogia hospitalar seja conhecida no mercado de trabalho. Porém, podemos analisar também que o próprio pedagogo tem um certo bloqueio em atuar em outra área que não seja o ambiente escolar. Mesmo habilitado para trabalhar em ambientes socioeducativos. Na resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, diz:

Art. 5º O egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a:

- I - atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária;
- II - compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;
- III - fortalecer o desenvolvimento e as aprendizagens de crianças do Ensino Fundamental, assim como daqueles que não tiveram oportunidade de escolarização na idade própria;
- IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;
- V - reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;
- VI - ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano;
- VII - relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas;
- VIII - promover e facilitar relações de cooperação entre a instituição educativa, a família e a comunidade;
- IX - identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras;
- X - demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras;
- XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;

XII - participar da gestão das instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico;

XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

XIV - realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas [...] (Brasil, 1996, p. 2-3).

Sendo Assim, o processo de ensino e aprendizagem referente a atuação do pedagogo, se tornou prioridade não só apenas nas escolas, como outros espaços preocupados com a formação humana. E o pedagogo é a pessoa apta para trabalhar em espaços escolares e não escolares, preparado para trabalhar com a prática pedagógica sistematizada ou não. E hoje tem como premissa que o pedagogo direcione o conhecimento e saberes pedagógicos, pois, o ensinar vai muito além dos muros de uma escola.

PARA NÃO CONCLUIR

De acordo com a intencionalidade de me aprofundar nessa vertente da pedagogia hospitalar, e como seria a atuação do pedagogo nesse espaço, algo que antigamente era impossível, e hoje cada vez mais ganhar seu lugar, pois, a educação e a saúde dividem o mesmo espaço e buscam melhorias para o desenvolvimento de aprendizagem das crianças e adolescentes hospitalizados.

Por conseguinte, sabemos que o pedagogo que busca atuar no espaço não escolar ainda é muito limitado, pois a pedagogia social no geral ainda está tentando ganhar espaço na sociedade, tendo em vista que ainda há muita discriminação da atuação desse profissional em qualquer área que não seja a área da escolar. Porém, o atendimento pedagógico-educacional vai além dessas questões, pois, notamos que em grande parte da bibliografia consultada, há uma preocupação com o desenvolvimento cognitivo, psíquico e físico da criança e adolescente hospitalizados.

Diante disso, a pedagogia hospitalar através de seus métodos, luta para garantir a seus usuários a continuidade da vida escolar, que mesmo no ambiente hospitalar que é um lugar de dor, angústia, ansiedade e insegurança, este lugar seja de aprendizado e vá muito além disso, lutam para que o hospital através das

intervenções pedagógicas de forma lúdica, recreativas haja o restabelecimento da saúde, conforme aponta, Fonseca (1999):

[...], mas aponta para o papel do professor junto ao desenvolvimento, às aprendizagens e ao resgate da saúde pela criança (ou adolescente) hospitalizada, acentuando-se a necessidade de aprofundar nacionalmente este debate e considerar esta questão entre as prioridades da atenção em saúde da criança e em educação especial (Fonseca, 1999, p. 33).

Dentro desse contexto de análise, vale ressaltar que nos últimos anos tem crescido todo esse envolvimento pedagógico hospitalar, e tem obtido amparo pela legislação brasileira. Logo, é correto lembrar que a educação no Brasil é direito de todos, mas precisamos voltar nossos olhos a essa causa, que seja garantido esse espaço lúdico, que haja espaço para esse profissional colocar em prática os seus conhecimentos como pedagogo, de forma que ele possa se tornar um profissional competente, tanto na educação escolar quando em espaços não escolar, como o espaço hospitalar, aqui discutido.

Por fim, que seja respeitada toda essa forma de continuidade à escolarização, e sejam criadas ainda mais políticas para haver uma ampliação nesse ambiente de educação e saúde que são os hospitais. Que através das leis que garantem respeito a essa classe, cresça ainda mais o número de profissionais que atuam nessa área hospitalar, e cresça também o número de espaços onde possa atender esse grande número de crianças e adolescentes hospitalizados.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Thayane Silva de; VIEIRA, Maria Rita Rodrigues. **Brinquedoteca hospitalar: da teoria à prática**. Arq Ciênc Saúde, [S.l.], v. 2, n. 17, p. 84-90, abr. 2010. Disponível em: https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-17-2/IDO4_%20ABR_JUN_2010.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

BRASIL. **Direitos da criança e do adolescente hospitalizados**. Resolução n.º 41, de 13/10/1995. CONANDA. Brasília: Imprensa Oficial, 1995.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia**. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece Diretrizes Disponível e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 fev. 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 13.146 de 6 de julho de 2015.

BRASIL, (1977). Ministério da Saúde. **Definições e Normas das instituições e serviços de saúde**. *Diário Oficial da União* de 5/4/1977 – Seção I, Parte I, p. 3929.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1**, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura. Brasília, 2006. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12762. Acesso em: 18 abr. 2024.

BRITO, L. S.; PERINOTTO, A. R. C. **O brincar como promoção à saúde**: a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. *Revista Hospitalidade*, [S. l.], p. 291–315, 2015. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/557>. Acesso em: 21 jun. 2024.

BUENO, E. **Jogos e brincadeiras na educação infantil**: ensinando de forma lúdica. 2010, 43 f. Trabalho Acadêmico (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) - Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2010.

CALIMAN, G. **Fundamentos teóricos e metodológicos da Pedagogia social na Europa (Itália)**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 1., 2006, Anais eletrônicos. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100015&script=sci_abstract. Acesso em: 04 abr. 2024.

CEEP – Comissão de Especialistas de Ensino de Pedagogia. **Documento Norteador para Comissões de Autorização e Reconhecimento de Curso de Pedagogia**. Portaria SESu/MEC nº. 1.518. Brasília: A Secretaria, fevereiro de 2001.

CUNHA, N, H, S. O significado da brinquedoteca hospitalar; In: VIEGAS, D (Org.). **Brinquedoteca hospitalar**: isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

CUNHA, N. H. S. **A brincadeira brasileira**. In: SANTOS, S. M. P. dos. *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. 2. ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1997, 144 p. *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 3. ed. São Paulo: Vitor, 2001, 128 p.

FONTES, Rejane de S.. **A escuta pedagógica à criança hospitalizada**: discutindo o papel da educação no hospital. *Revista Brasileira de Educação*, [S. l.], n. 29, p. 119-138, ago. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782005000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/gjN94n3wRvTyCZnPnnJzQzv/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

FONSECA, Eneida Simões da. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico-educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista Educação e Pesquisa - Temas sobre Desenvolvimento**, v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JyyRPGpGDGtWVKHTd7RBqsb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LIBANÊO, J. C. **Diretrizes curriculares da pedagogia**: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. imprecisões teóricas e

concepção estreita da formação profissional de educadores. Scielo, Universidade Católica de Goiás., v. 27, n. 96, p. 1-26, ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302006000300011&script=sci_arttext. Acesso em: 09 maio 2020.

LIMA, Cristina Cavallari Ferreira; PALEOLOGO, Silvana de Oliveira Araujo. **Edagogia hospitalar**: a importância do apoio pedagógico dentro dos hospitais para jovens e crianças. E-Faceq:: revista eletrônica dos discentes da Faculdade Eça de Queiros, Jandira - Sp, v. 1, n. 1, p. 1-27, jun. 2012. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170427174227.pdf. Acesso em: 02 abr. 2024.

LUCKESI, Cipriano C. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras. In: LUCKESI, C.C. (org.). **Ludopedagogia**: ensaios. 1. ed. Salvador: UFBA/FACED, 2000. p.9-41.

Ministério da Educação – Ministério da Saúde. **Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005**. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 02/01/2023.

MORAES, M. S. de. **A brinquedoteca hospitalar como iniciativa de humanização para crianças hospitalizadas**. Disponível em: <http://midia.unit.br>. Acesso em: 09 de fev. de 2023.

NOFFS, N.A brinquedoteca em construção. In: OLIVEIRA, V. de B. **O brincar do nascimento aos seis anos**. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOVOS Rumos do Ensino. **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**. Ano 3 - nº. 7 - Julho de 2005 - Edição Vestibular. Disponível em: <http://www.ufmg.br/diversa/7/pedagogia.htm> Acesso em 26 jul. 2019.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; FOLTRAN, Elenice Parise. **brinquedoteca hospitalar: direito das crianças e adolescentes hospitalizados**. Revista Conexão, Ponta Grossa, v. 1, n. 3, p. 22-24, jan. 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/3828/2707>. Acesso em: 06 ago. 2022.

SANTOS, Santa Marli Pires dos *et al.* **Brinquedoteca**: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, v. 2, 2000.

SIMANCAS - GONZÁLEZ, José Luis; POLAINO-LORENTE. **Pedagogia Hospitalaria. Actividad educativa en ambientes clínicos**. Madri: Narcea, S.A. de Ediciones, 1990.